

Conclusões do XXIX Congresso Internacional de Animação Sociocultural:

“Construindo o Futuro”

17, 18 e 19 de outubro de 2019

Teatro Municipal da Guarda

Este XXIX Congresso de Animação Sociocultural, subordinado ao tema Construindo o Futuro, organizado pela APDASC – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural, nos dias 17, 18 e 19 de outubro de 2019, no Auditório Principal do Teatro Municipal da Guarda, contou com a participação de cerca de 300 pessoas, entre estudantes, profissionais de animação e/ou outros interessados nas diferentes áreas de intervenção.

Na abertura do evento, a Presidente da Direção Isabel Filipe introduziu a temática do congresso fazendo referência à importância do reconhecimento da profissão e da carreira do animador, e ainda do papel do animador na nossa sociedade, na sua função de cativar as pessoas para a descoberta do potencial de cada pessoa.

O Professor Joaquim Brigas, Presidente do Instituto Politécnico da Guarda felicitou pela qualidade científica do encontro, pelos temas que apresenta, e pelos especialistas que os transmitem. Referiu que o IPG, enquanto instituição de formação superior procura assegurar a empregabilidade dos profissionais que formam, pois reconhece importância da animação sociocultural para uma sociedade democrática e inclusiva, que promove o equilíbrio do elevador social.

O Presidente da Câmara Municipal, Dr. Carlos Monteiro, fez referência a três realidades a que a animação sociocultural dá resposta: a valorização do território através da transformação das dificuldades dos territórios em potencialidades; o combate aos problemas sociais; a revitalização dos territórios e suas comunidades, particularmente as que se encontram em situações desfavorecidas.

O Painel I teve como temática “Olhando o Presente, Pensando no Futuro!” e, neste, Víctor Ventosa Pérez demonstrou que o termo “participação” é o denominador comum em várias definições de animação sociocultural existentes e que facilitará a sua fundamentação científica. Marcelino Sousa Lopes identificou que o futuro dos animadores e da animação sociocultural –, à luz de uma noção plural, e não unívoca, da própria animação – passa pela importância dos animadores recorrerem à sua criatividade para criar e assim, ultrapassar as constantes crises, nas várias áreas. José António Caride evocou a importância de continuar a construir a educação e a animação sociocultural, já que estas vão permitir-nos ir mais longe e tornar possível o que parece impossível.

No Painel II, sob o tema “Desenhando o Futuro: contributos para atualizar o perfil do Animador Sociocultural”, António Leal falou-nos dos novos desafios com que o animador sociocultural e a própria animação se está a debater e reforçou a importância da consolidação ou redefinição da identidade profissional coletiva, bem como a realização de ações de divulgação e reconhecimento dos animadores e dos seus projetos. Mário Viché González, abordando a ideia do compromisso de convivência e dignidade para a construção de uma sociedade sustentável, enfatizou a utilização das narrativas pessoais e coletivas para a

descodificação do mundo ao nosso redor e, dessa forma, criar histórias que nos permitem não apenas viver nele, mas transformá-lo. Jacinto Jardim, baseando-se em dados recolhidos junto de animadores socioculturais, apresentou os diferentes tipos de competências necessárias à profissão do animador sociocultural, e desafiou os animadores a fazerem a medição do impacto real das atividades que realiza. Por fim, Rui Fonte referiu que a matriz da animação sociocultural não muda desde há 50 anos, e que os próprios animadores estão a criar alguma resistência à mudança, o que contraria a própria dinâmica da animação sociocultural, que é ferramenta para a transformação social.

Como estratégias para essa transformação social das comunidades, Ana Paulos, André Caeiro e Carlos Costa apresentaram-nos projetos de futuro nas áreas do desporto, desenvolvimento comunitário, e do apoio e assistência domiciliária.

No seguimento da realização de workshops – que teve início no primeiro dia do congresso –, Bruno Batista e Teresa Peral, através de diversas dinâmicas, levaram os participantes a visualizarem o animador que cada um pretende ser, num futuro muito próximo.

O Painel III foi dedicado ao “Renovado Estatuto do Animador Sociocultural”, e nele Ana Massas e José Soeiro partilharam as suas opiniões, ideias e estratégias para facilitar o processo de aprovação do estatuto do animador sociocultural. Este é um documento que se encontra ainda em construção, mas que se pretende que seja um documento legal que permita regulamentar a profissão e a carreira dos animadores. Ana Massas deu-nos a conhecer o processo de construção do documento do estatuto do animador, desde a primeira versão aprovada em 2010, e respondeu a questões que têm sido colocadas à APDASC pelos animadores. José Soeiro realçou a importância da força conjunta dos animadores socioculturais para que a sua voz – a voz de muitos – se faça ouvir na Assembleia da República, e que impulse o processo de aprovação do documento.

A apresentação de projetos de futuro teve continuidade no último dia do congresso com as intervenções de Sara Monteiro (criação de líderes/agentes de transformação em bairros sociais), Rúben Marques (desenvolvimento comunitário através de práticas de educação não formal em meio rural), Paulo Almeida (ambientes educativos inovadores em contexto escolar) e Bruno Eiras (futuro das bibliotecas com contratação de animadores socioculturais).

Na Conferência “Dos Estudos sobre a Felicidade à Intervenção do Animador Sociocultural”, Jorge Humberto Dias apresenta-nos perspetivas sobre a felicidade, em contextos nacionais e internacionais, efeitos da felicidade na saúde ou a importância da qualidade das nossas relações sociais para a felicidade de cada um.

As conclusões do Ciclo de Debates das várias delegações regionais da APDASC foram apresentados por diferentes membros de cada uma das delegações, e permitiu a divulgação dos resultados dessas ações junto dos participantes neste Congresso.

No Painel IV, intitulado “A formação em Animação Sociocultural no Futuro”, António Ricardo Batista apresentou um estudo extensivo, realizado através de inquéritos por questionário, complementados com entrevistas, sobre as controvérsias do processo de profissionalização dos animadores socioculturais, que afirma serem verdadeiramente apaixonados pelo trabalho que fazem. Apresentou os resultados obtidos lendo as conclusões do livro.

Carla Cibebe Figueiredo apresentou um estudo sobre o panorama da formação de animadores socioculturais no Ensino Superior em Portugal. Formas como se reconhece uma profissão e como se torna socialmente reconhecida. A formação e os processos de validação académica de experiência profissional são essenciais no processo de reconhecimento da profissão. Analisou alguns fatores que dificultam este processo. São necessárias redes de partilha entre instituições de formação e entidades que representam os animadores.

Joana Campos apresentou um estudo sobre a formação avançada em ASC (cursos do 2.º ciclo do ensino superior). A área do trabalho social está em expansão e a da ASC em retração. Indefinição do ofício dos animadores dada a natureza e características da ASC. Apresentou as consequências da reduzida oferta de 2.º ciclo em ASC, lembrando que, por um lado, os animadores pretendem o reconhecimento da profissão, mas a procura dos cursos de formação avançada do 2.º ciclo também é fraca. É muito importante o alargamento da formação ao 3.º ciclo. Referiu a possibilidade da obtenção do Título de Especialista que valida a experiência profissional de animadores, que poderão integrar

Teresa Peral revelou que os problemas podem tornar-nos mais fortes e inspirar outras pessoas. Olhar para os problemas de diferentes perspetivas e decidir que se quer controlar novamente a vida e assumir a responsabilidade dos problemas, não adiando a tentativa de resolução é a chave. Com isto, apresentou algumas competências como o coaching, a programação neurolinguística e desenvolvimento pessoal.

Finalmente, no Painel V, intitulado "Intervenção e Empreendedorismo na Animação Sociocultural", Nuno Abranja levou-nos a questionar o nosso grau de empreendedorismo, explicando o conceito e colocando-o ao serviço do animador sociocultural.

Abraão Costa apresentou a Simbologia Grupal com técnica num trabalho de vanguarda com jovens que trabalha do interior para o exterior, num contexto de vivência grupal intensa e transformadora.

Por fim, Gonçalo Gomes mostrou como o design pode levar à Inovação Social, refletindo e reestruturando os sistemas de apoio social vigentes dando-lhes novos formatos, nova imagem. Através de oficinas, os participantes são chamados a repensar os serviços de apoio social, gerando soluções inovadoras.

Guarda, 19 de outubro de 2019

A Presidente do Congresso,

Isabel Filipe